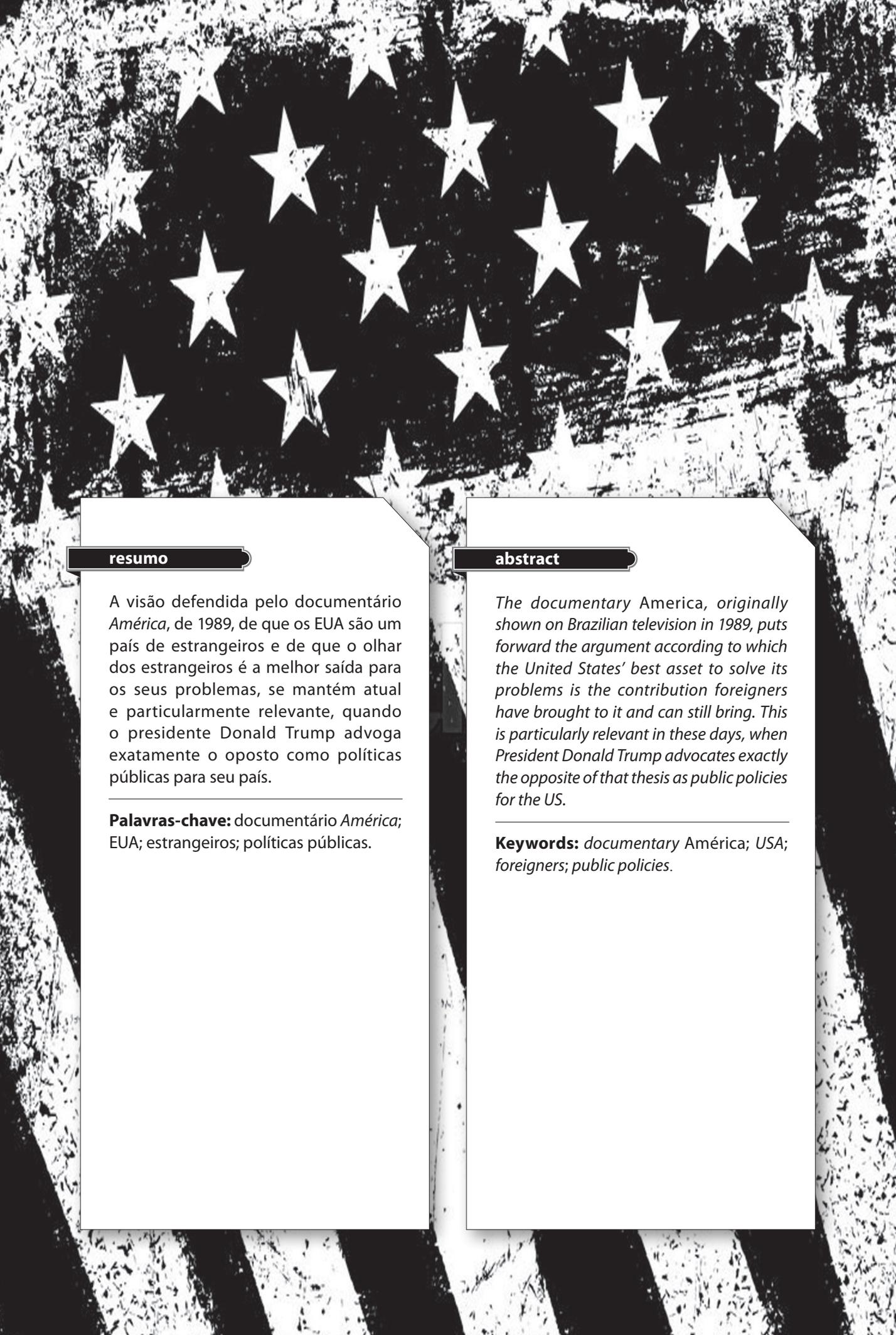




***América:
a importância do olhar estrangeiro***

Carlos Eduardo Lins da Silva



resumo

A visão defendida pelo documentário *América*, de 1989, de que os EUA são um país de estrangeiros e de que o olhar dos estrangeiros é a melhor saída para os seus problemas, se mantém atual e particularmente relevante, quando o presidente Donald Trump advoga exatamente o oposto como políticas públicas para seu país.

Palavras-chave: documentário *América*; EUA; estrangeiros; políticas públicas.

abstract

The documentary America, originally shown on Brazilian television in 1989, puts forward the argument according to which the United States' best asset to solve its problems is the contribution foreigners have brought to it and can still bring. This is particularly relevant in these days, when President Donald Trump advocates exactly the opposite of that thesis as public policies for the US.

Keywords: documentary *América*; USA; foreigners; public policies.

O

documentário *América*¹, de 1989, procura compreender os EUA por meio de um viés cultural que é absolutamente atual e importante, em virtude do que o presidente Donald Trump tem dito e feito desde que se tornou candidato à presidência do país e, em especial, após ter assumido o cargo.

João Moreira Salles, que dirigiu e escreveu a série de cinco programas exibidos originalmente há 27 anos, usou como eixo para o argumento de sua tese a visão de que “as terras ao norte do Rio Grande são mais do que um mero país – são um conjunto de versões, ou, em outras palavras, um país de estrangeiros” (Moreira Salles, 1989, p. 11).

Para alguém que a assiste em fevereiro de 2017, no ambiente criado por Trump contra o México e seus imigrantes, as primeiras cenas e palavras de Moreira Salles e seu roteirista, Nelson Brissac Peixoto, não poderiam causar mais impacto.

Moreira Salles introduz a América que vai estudar a partir de quem a vê de longe, do outro lado da fronteira, em uma pequena cidade, muito diferente das da nação vizinha, e começa a estabelecer contrastes culturais que ajudarão a

definir o seu objeto de trabalho de acordo com suas premissas.

Vale-se imediatamente de um de muitos entrevistados, a maioria não americanos, que pontuam o documentário com lances de inteligência, erudição e originalidade. No caso, Octavio Paz (1989, p. 100), para quem os EUA não têm, como outras nações, uma história comum, “e sim um futuro comum”.

Os colonizadores dos EUA e os que depois para lá foram como imigrantes deixaram o passado para trás definitivamente, sem retorno possível, e só pensavam o que fazer com o porvir. Os aborígenes não foram tratados pelos conquistadores como um povo com cultura, mas, afirma o documentário, como acidentes geográficos em sua marcha para o oeste com o fim de ampliar as terras que constituiriam o país.

Já para os mexicanos, diz o texto do programa, “sua história é tão sólida quanto a pedra” e seus “monumentos e espaços dizem a eles quem eles são, sendo sua referência no mundo”. A questão da memória, seu desprezo e ônus na América, onde “o que importa é o futuro”, fazem com que “os EUA se oponham ao México como o vento à montanha”.

Visto por esse prisma, fica mais fácil compreender o desconforto que mexicanos podem

1 Documentário de João Moreira Salles, em cinco episódios, produzido por Videofilmes e exibido pela TV Manchete, em 1989.

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA é livre-docente e doutor em Comunicação pela USP, foi professor visitante das Universidades de Georgetown, Texas e Michigan State e é autor de, entre outros, *O Adiantado da Hora* (Summus).

provocar em pessoas com personalidade como a de Donald Trump, um homem que pensa como se comunica, por meio de frases curtas como as exigidas pelo Twitter, que refletem conceitos também curtos, rápidos, frenéticos, em constante movimento. Trump representa como poucos o aspecto de ações incontidas e velozes, tão importantes na maneira coletiva de ser e agir dos americanos, que *América* registra muito bem.

Não é à toa que o título do primeiro episódio da série é “Movimento” e outro capítulo, o quarto, é dedicado a um assunto correlato, com o título de “Velocidade”, em que se mostra que, para os americanos, às vezes não importa o destino, o que conta é que seja possível mover-se velozmente. Tampouco é importante para eles que o aumento progressivo da velocidade altere a forma de se perceber o mundo.

Ao absorver a velocidade quase como um fim em si mesma, os EUA criaram uma paisagem que só faz sentido quando é vista em movimento, com seus *outdoors*, fachadas arquitetônicas, luminosos em neon, que também se transformam em valores próprios: ganha quem se exhibir melhor. A velocidade exigiu a construção de grandes *free ways*, que, por sua vez, destruíram os tradicionais centros de cidades, como em Detroit.

Um dos ícones fundamentais da nação americana ao longo do século XX e começo do XXI tem sido o carro (e, antes dele, o cavalo). O documento universal para os cidadãos não é uma carteira de identidade, mas sim a carta de motorista (ou, para os raríssimos que não dirigem, a carta de não motorista).

Moreira Salles e Brissac Peixoto seguem o conselho do suíço Robert Frank, fotógrafo genial, que disse que, para ver a América, é preciso ser ágil. O documentário *América* é extremamente ágil, filmado e editado num ritmo que é compatível com a nação que desvenda, mas com a adição de raciocínio sofisticado provido pelos intelectuais de porte que ouve.

Nesse item específico do movimento, se o documentário pudesse ser atualizado agora, talvez valesse uma nota de rodapé para contextualizar um pouco a hegemonia que a mobilidade e a velocidade têm na cultura americana. Embora ela se mantenha indiscutível, sinais de que isso



Robert Frank, *U.S. 285*, 1956. Do livro *América: Imagens*, de Nelson Brissac Peixoto (1989, p. 37)

pode vir a mudar vêm da geração chamada de “*millennial*”, dos que nasceram entre 1981 e 1996.

Segundo o Pew Research Center, em estudo feito com base em dados oficiais do Censo dos EUA, os americanos estão se mudando no ritmo mais baixo da história do país. Comparados com os indivíduos de todas as gerações anteriores, os *millennials* são os que menos se mudam, entre outros motivos, porque eles também se casam menos, compram menos casas e têm menos filhos do que seus antepassados quando tinham a mesma idade (Pew Research Center, 2017).

Os *millennials* também são muito menos entusiasmados em relação ao automóvel do que as gerações anteriores de americanos. O número de jovens de 16 anos que se habilitaram para dirigir caiu 37% entre 2009 e 2016 (Samuelson, 2016). O economista Robert Samuelson analisou o fenômeno e identificou possíveis razões para explicá-lo, que vão desde o custo de comprar e manter um carro num período de dificuldade econômica até alterações de estilo de vida, como a convicção de não contribuir para o aquecimento global, que é uma das maiores preocupações dos *millennials* (Samuelson, 2016).

Uma das mais intrigantes teses para esse desaparecimento dos jovens da América atual em relação ao automóvel levantadas por Samuelson é a de que a internet está tomando do carro a primazia do interesse coletivo nacional: em vez de sair de casa, é mais barato e cômodo interagir com os amigos e conhecidos pelas mídias sociais e pelos aplicativos de conversas.

Se essa hipótese for a correta, então o documentário *América* estará, de novo, absolutamente atual, já que o título do último episódio é “Telas”, para destacar a presença enorme da TV e do computador no ambiente cultural e social do país no final da década de 1980. Nesse sentido, ter encerrado o programa com esse tema pode até ter demonstrado que seus realizadores apontavam para uma tendência que mais tarde se materializaria por completo.

Andréa França e Patrícia Rabello (2015) destacam bem tal aspecto:

“Se o ato de fundação do país parece atravessar as imagens da série continuamente – os desertos, as estradas, a fronteira, os subúrbios –, é esse episódio que melhor explora esse ato ao sugerir a

memória de um futuro sempre por se realizar. As imagens do cinema restituem camadas de memória, sentido e temporalidades aos espaços desertificados. As telas do computador e da televisão, diferentemente, enfatizam sua excessiva presença em um futuro próximo, introduzindo uma mediação essencial ao retrato da América”.

As imagens de teleconferências, videogames, computadores mostradas no documentário quando comparadas ao que se tem hoje (Skype, smartphone, WhatsApp) parecem quase tão absurdas como as da *Viagem à Lua*, o filme de 1902, de Georges Méliès, pareceram às pessoas que assistiram à chegada da Apolo XI ao satélite em 1969.

Mas os conceitos que Moreira Salles e Brissac Peixoto tangenciam são atualíssimos ao final da segunda década do século XXI. A ideia de partir das janelas tradicionais para explorar a concepção das telas de computador pode até ter sido premonitória ou, no mínimo, mostrou como os autores estavam antenados com o que estava por vir: o sistema Windows, da Microsoft, havia acabado de ser lançado na época em que o documentário foi feito e ainda não tinha atingido nem uma mínima fração da popularidade de que viria a desfrutar na década de 1990.

O roteiro também é feliz ao fechar a série como a complementação do seu início, ao desenvolver a teoria de que a anulação do mundo físico que é causada pelas telas teve início com a intensificação da velocidade decorrente da exacerbação da necessidade de movimento, abordada no primeiro episódio.

A atualidade de *América* em relação aos fatos da política americana contemporânea também é total quando o último episódio trata da utilização da TV como plataforma de difusão de mensagens eleitorais (“o palanque se transformou no palco, a política, em um grande espetáculo de mídia”, dentro da lógica do espetáculo, da trivialização, do efêmero).

A campanha eleitoral presidencial dos EUA registrada pelo documentário para delinear essa argumentação é a de 1988, entre George H. Bush e Michael Dukakis, e o programa também se refere a Ronald Reagan, que ficou célebre como “o grande comunicador”. São alusões relevantes e bem fundamentadas.

Mas as conclusões a que chega sobre este tema são mais do que perfeitas para a vitória de Donald Trump, o homem que se celebrou num *reality show* e que utilizou as técnicas e princípios da TV e a tecnologia do Twitter para chegar à Casa Branca.

Mike Johannson, pesquisador sênior da School of Communication do Rochester Institute of Technology, em recente entrevista publicada por *The Chronicle of Higher Education*, disse que Trump aprendeu com seu *reality show* (“The Apprentice”) que “insulto equivale a obter atenção” e que insultar maximamente o levaria a dominar o noticiário e a reforçar “comportamento extremo” entre aqueles que concordam com o conteúdo do insulto proferido (Field, 2017).

O México aparece diversas vezes no documentário como contraponto aos EUA, o que ajuda a entender melhor o país que a série examina, inclusive, no segundo episódio (“Mitologia”), com cenas na fronteira entre as cidades de El Paso e Juarez (esta, imortalizada por Bob Dylan em sua canção “Just Like Tom Thumb’s Blues”, de 1965).

Em 1989, já havia barreiras para impedir que mexicanos cruzassem o Rio Grande em direção aos EUA, nada parecidas com a grandiloquência do muro que Trump pretende construir ao longo de toda a fronteira. O filme relata que 600 pessoas por dia atravessavam os obstáculos, às vezes sob os olhares impotentes ou compreensivos de guardas que não conseguiam impedi-las.

Tendo ou não entrado legalmente no país, mexicanos e descendentes de mexicanos são atualmente 35,8 milhões de residentes nos EUA, ou 11,1% da população total². Na época em que o documentário foi feito, ainda não havia muitos mexicanos-americanos em cargos políticos relevantes, como atualmente (até Trump acabou por indicar um deles para o seu Ministério e outro foi seu concorrente nas primárias presidenciais do Partido Republicano), mas o filme mostra-os como uma importante força cultural no país.

Paz (1989, p. 102) diz que “os mexicanos que emigram para os EUA logo descobrem que continuam sendo mexicanos” e que, apesar dis-

so (ou até por causa disso), exercem forte influência política.

Para *América*, os mexicanos nos EUA se assemelham aos negros, que são o tema principal do terceiro episódio, intitulado “Blues”. Os negros são 14,4% da população americana, ou 46,3 milhões de pessoas³. Para Moreira Salles e Brissac Peixoto, os africanos, como os mexicanos, e ao contrário dos brancos americanos, têm uma ligação com o passado, têm história comum que os une, e é isso que os diferencia do grupo étnico dominante no país.

Ser americano é esquecer. Os imigrantes precisavam fazer isso para poderem se integrar melhor na sociedade aonde vieram para construir o seu futuro. “Os americanos não estão interessados no passado. Nem sabem de onde vieram seus avós”, diz a compositora Laurie Anderson no terceiro episódio da série.

Mas a série também identifica “uma ideia nova na América”, a de olhar para trás e, com isso, descobrir que ela tem também uma história. Essa tendência, como diz Octavio Paz, também no terceiro episódio, degenerou numa obsessão com nostalgia e com o receio da decadência. “A América está agora muito preocupada com a decadência, como se tivesse de repente descoberto a história; de certo modo, quem tem uma história atrás se sente predestinado à decadência.”

Esse sentimento, que se intensificou muito de 1989 em diante, em especial em grupos demográficos majoritariamente brancos, que sofreram graves prejuízos econômicos provocados pela revolução tecnológica e pela recessão de 2007-2008, pode ter sido um dos fatores de propulsão da candidatura de Donald Trump em 2016, quando tinha se intensificado muito a sensação de nostalgia coletiva nos EUA por seu passado glorioso, ainda que mitificado, da década de 1950. Foi esse desejo de retornar àquele tempo que empurrou o *slogan* “*Make America Great Again*”.

As saídas para essa *malaise* apregoada por Trump e acolhidas por seus eleitores são o isolamento do país em relação ao mundo e o impedimento da entrada de estrangeiros, em particular

2 US Census Bureau 2015 American Community Survey. September 22, 2016.

3 Idem.



David Hockney, *Pearblossom Hwy*, 1986. Do livro *America: Imagens*, de Nelson Brissac Peixoto (1989, pp. 200-1)

refugiados. O documentário não trata diretamente da questão dos refugiados, inclusive porque, em 1989, esse problema não estava na pauta das prioridades na agenda pública americana.

Mas, indiretamente, atesta a contribuição que os refugiados deram aos EUA ao longo dos anos, ao incluir vários deles entre seus entrevistados, três dos quais foram reconhecidos pelo *The New York Times* numa lista de 25 autores de obras seminais para a cultura americana que originalmente chegaram ao país fugindo de situações insustentáveis em suas pátrias, todos agraciados com Prêmios Nobel: o poeta polonês Czeslaw Milosz, o poeta russo Joseph Brodsky e o cientista político alemão Henry Kissinger.

Esses e outros estrangeiros entrevistados no documentário comprovam a sua tese central: o problema da nostalgia e do receio da decadência dos EUA diagnosticado no final do século XX e agravado ao longo do XXI talvez só se resolva com mais abertura a estrangeiros, não com fechamento em si mesmo, como defende Trump.

Ilustrados por cenas do filme *Down by Law* (1986), de Jim Jarmush, os argumentos finais do documentário seguem esta linha: é preciso alguém que redescubra aquilo que os americanos se desacostumaram a ver. Surge o estrangeiro. É ele que dará novos significados para tudo: para a língua, para a cultura, para as imagens. O estrangeiro é aquele que, por não ter ainda o seu olhar anestesiado, consegue encontrar um lugar aonde chegar. O olhar do estrangeiro tenta recuperar o que está desaparecendo, o sublime que há no simples fato de as coisas existirem. Contra a violência da proliferação das imagens, é preciso a delicadeza.

Para Moreira Salles (1989), a América “é uma nação em curso, saudavelmente inacabada, à espera do próximo olhar, de alguém que lhe diga que ainda há coisas para serem vistas, pintadas e escritas ali onde todos os outros, por excesso de hábito, já não viam mais nada”. Ele está certo. Tomara que a visão deturpada de Donald Trump não impeça os EUA de receberem esse olhar.

BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, Nirlando (ed.). *America, Depoimentos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- BRISSAC PEIXOTO, Nelson. *America: Imagens*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- FIELD, Kelly. "What Reality TV Taught Trump, According to Professors Who Study It", in *The Chronicle of Higher Education*, February 15, 2017.
- FRANÇA, Andréa; RABELLO, Patrícia. "América e a Paisagem como Horizonte na Televisão", in *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-Compós)*, v. 18, n. 2. Brasília, mai.-ago./2015.
- MOREIRA SALLES, João. "Introdução", in Nirlando Beirão (ed.). *América, Depoimentos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- PAZ, Octavio. "Octavio Paz", in Nirlando Beirão (ed.). *América, Depoimentos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- PEW RESEARCH CENTER. "Americans Are Moving At Historically Low Rates, in Part Because Millennials Are Staying Put", in *Pew Research Center*, February 16, 2017.
- SAMUELSON, Robert. "Is the Car Culture Dying?", in *The Washington Post*, July 10, 2016.
- VOVLOCHKO, D. "Uma Crítica ao Espaço-Tempo Americano", in *Geosp – Espaço e Tempo (on-line)*, v. 18, n. 2. São Paulo, 2014, pp. 458-60.